

Campos de Batalha, Espaços de Guerra: Os Commentarii de Bello Gallico de Caio Júlio César

Profa. Dra. Claudia Beltrão da Rosa

Departamento de História – UNIRIO
crbeltrao@gmail.com

Resumo

Nos *Commentarii de Bello Gallico*, César relata as campanhas que lhe tornaram senhor das Gálias. Se é difícil que historiadores tenham o relato daquele que conduziu uma guerra, é preciso destacar que seu autor quis se justificar perante o seu público em Roma. A obra foi escrita em condições particulares e para fins políticos específicos e podemos levantar a questão de sua pertinência para os estudos históricos. Tais textos são, porém, documentos de primeira grandeza, que demandam do historiador uma atitude cuidadosa em seu uso.

Palavras-chave: Documentos textuais; Guerra das Gálias; C. Júlio César.

Resumé

Dans les *Commentarii de Bello Gallico*, César a raconté les campagnes qui l'ont rendu maître des Gaules. Si est toujours une fortune insigne pour les historiens que de posséder le récit de celui qui conduite une guerre, l'auteur a voulu se justifier devant le publique romain. L'ouvrage a été écrit dans de certaines conditions e pour des spécifiques fins politiques. Nous pouvons posez, donc, la question de sa pertinence pour les études historiques. De semblable documents sont, en tout état de cause, des documents de premier ordre. À l'historien, cependant, il faut faire effort pour prendre devant les *Commentarii* une attitude critique.

Mots clés: Documents textuels; Guerres des Gaules; C. Jules César.

...res bello gesserat, quamuis reipublicae calamitosas,
at tamen magnas
(Cícero. II Filípica. 116)

O conceito de guerra é polissêmico, mas há consenso, sem dúvida, se considerarmos que uma guerra é um conflito violento, no qual são utilizados diferentes tipos de armas (i.e., de tecnologias) e participam grupos humanos mais ou menos organizados, que se desenvolve em um determinado espaço e que tem, usualmente, por objetivo dominar direta ou indiretamente um ou mais grupos humanos ou espaços. Trata-se de uma interação violenta entre seres humanos, estratégias, táticas, armas e espaços.

A guerra é, geralmente, uma temática incômoda, e a reflexão sobre ela pode muitas vezes conduzir a debates ideológicos problemáticos. A guerra é parte do passado e do presente humanos, e uma parte importante, muitas vezes determinante para a vida humana e, por isso, seu estudo deve fazer parte das preocupações do historiador. Seus fatos, espaços, paisagens, casuísticas, opções geoestratégicas, ideologias, imaginário, vida quotidiana, sentimentos dos combatentes, recursos tecnológicos, ações de resistência, etc., são bons momentos para o estudo da dinâmica das sociedades humanas. O fenômeno da guerra tem tido e tem ainda seus cenários, seus atores e seus espaços, e a reflexão sobre eles pode proporcionar uma magnífica e dramática base para a compreensão das interações entre os grupos humanos. A dimensão da guerra como espaço conceitual de enfrentamento conjuga variáveis tecnológicas, de recursos humanos e de território, que definem a capacidade estratégica e tática, elementos fundamentais em uma ação guerreira. Mas também conta com uma cobertura ideológica, com ritos, convenções e determinados limites e regras que se impõem aos participantes, temas que vêm sendo desenvolvidos, com sucesso, pela antropologia (Hass 1990).

Os confrontos violentos entre os seres humanos e a experiência extrema da guerra podem e devem ser objeto de estudo da história. Os espaços diretamente relacionados com os cenários de guerra do passado, os conjuntos poliocérticos e os campos de batalha se revelam fontes interessantes, a partir das quais se pode fundamentar uma abordagem das diversas interações das sociedades em guerra. Conhecemos as guerras do passado por intermédio de fontes diversas: textos, memórias, vestígios arqueológicos, edificações, etc. Esses documentos não nos permitem conhecer ou intuir a natureza e as características do conflito de modo imediato, mas tais fontes são chaves imprescindíveis para a construção do nosso conhecimento sobre o passado. Não pretendemos apresentar, aqui, uma história das guerras das Gálias. Mais simplesmente, dado o fato de que os historiadores – especialmente no Brasil – descuidam com frequência do fenômeno da guerra nas suas análises, pretendemos apresentar um documento textual para o estudo da conquista da Gália por Roma, observando algumas de suas características com o objetivo de fornecer elementos para um debate.

Nos *Commentarii de Bello Gallico*, Caio Júlio César relata as campanhas que lhe tornaram senhor da Gália. O título exato da obra é tema de controvérsia entre os especialistas e varia bastante nos manuscritos. Cícero, no *Brutus*, nos diz: *etiam commentarios quosdam scripsit rerum suarum* (*Brut.* 75, 262), e Hirtio, que completou o relato inacabado de César, nos diz no prefácio do L. VIII: *Caesaris nostri commentarios rerum gestarum Galiae* (*De Bello Gallico.* VIII, *praef.*). Suetônio, um século mais tarde, escreveu: *reliquit et rerum suarum commentarios Gallici ciuilisque*

belli pompeiani. Convencionou-se, então, o uso do título *Commentarii de Bello Gallico* para denominar o conjunto dos sete livros escritos por César e do oitavo livro, escrito por Hirtio, um de seus lugares-tenentes na Gália.

O gênero literário conhecido como *commentarii* não pode ser definido como uma narrativa historiográfica, nem como um diário, tampouco como uma “memória”. No latim clássico, *commentarium* designa notas breves e secas, um relato de fatos, um registro simples de algo. César não escreveu, nem tinha esta intenção, uma “História da Guerra das Gálias”, mas sim redigiu um relato que serviria como um documento para que outros escritores o fizessem. Vemos em Cícero: *...uoluit alios habere parata unde sumerent qui uellent scribere historiam (Brut. 75)* e em Hirtio: *... [commentarii] qui sunt editi ne scientio tantarum serum scriptoribus deeset (De Bello Gallico, VIII, praef.)*. Deste modo, a intenção precípua de César era a de fornecer um conjunto de documentos de primeira mão sobre as batalhas que compuseram o acontecimento denominado Guerra das Gálias. Este era o objetivo declarado. Havia outros, menos explícitos, que percebemos em uma segunda leitura do texto, quando comparado à observação da data e das condições nas quais os *Commentarii* foram escritos.

As contradições existentes no texto levam atualmente os exegetas a indicarem que a composição do texto se deu de uma única vez. Cada livro corresponde a uma estação de guerra (as operações militares eram interrompidas no inverno, recomeçando na primavera), correspondendo cada qual a um ano, e César seguia, então, os modelos da tradição analítica, perpetuada nos historiadores romanos e especialmente sensível em Tito Lívio e Tácito. Há diversas contradições no texto que, ao longo de séculos de análise por exegetas, nos indicam que César usou documentos contemporâneos aos episódios, relacionados ao cotidiano das campanhas, documentos esparsos que, muitas vezes, estavam em desacordo entre si, e parece tê-los examinado com uma certa pressa ao redigir seu texto, sem se preocupar demasiadamente com o cotejamento das informações de que dispunha.

César escreveu os sete primeiros livros dos *Commentarii* no outono de 52 a.C., logo após sua vitória sobre Vercingetórix, quando podia considerar que a vitória sobre a Gália estava completa. Era, então, um momento propício para relatar os episódios da guerra ao público romano, que só conhecia as campanhas por meio de relatos esporádicos, geralmente tendenciosos, de *amici* demasiadamente zelosos da imagem de César, ou de inimigos maledicentes.

Neste momento, César via chegar a hora em que seria chamado a Roma, e lhe era conveniente preparar a opinião pública romana – à época muito influente na vida política da *urbs* – para viabilizar sua candidatura a um segundo consulado e evitar processos judiciais por parte de seus adversários. A oposição política a César em Roma se tornava cada vez maior, nos anos que antecederam a Guerra Civil. Uma carta de Célio a Cícero de maio de 51 a.C., por exemplo, demonstra as informações confusas e os boatos contraditórios sobre César e suas campanhas, pouco antes da publicação dos *Commentarii (Ad fam. VIII, 1.4)*:

... sobre César chegam-nos rumores freqüentes, e não entusiastas, mas se trata de vozes sussurradas. Nada de certo, evidentemente, mas essas notícias incertas passam de boca em boca entre poucos, entre as pessoas que tu conheces.

A opinião pública oscilava entre os alarmistas de plantão e os relatos fantasiosos de cesarianos entusiastas. É verossímil, pois, que César tivesse a intenção de apresentar o *seu* relato, a *sua* versão dos acontecimentos. Deste modo, ele não tinha como público-alvo os historiadores futuros, mas sim um público mais imediato e mais amplo, escrevendo seu relato, aparentemente neutro e objetivo pelo estilo e pela forma, mas que

podia atingir os seus contemporâneos e os leitores da posteridade com uma versão cesariana dos acontecimentos. Deste modo, os *Commentarii* não são o texto de um historiador, nem o de um homem de letras, tampouco o de um “analista” romano; é a obra de um político e general vitorioso que, certamente, pretendia se defender de seus poderosos inimigos políticos e consolidar as bases de seu poder. Há, portanto, imprecisões, especialmente de ordem topográfica e etnográfica, e negligências, algumas provavelmente intencionais. Como, então, devemos lidar com estes livros, em termos de documentação textual para pesquisas e análises históricas dos eventos, das circunstâncias e dos grupos humanos envolvidos na Guerra da Gália, posto que se trata, antes de tudo, de uma obra com visíveis intenções políticas?

O tipo, a forma e o estilo do relato levam a crer que ninguém teria melhores condições de narrar os acontecimentos da guerra e das batalhas do que o seu procônsul. Para o historiador, é raro ter acesso ao relato de uma guerra feito pelo general que a conduziu. Mas um general tende a ser discreto no relato de seus erros e impasses, pois narrativas desta natureza não são “confessionais”. Decerto, um autor de *commentarii* não podia mentir nem mascarar em demasia os acontecimentos, mas entre a exatidão material de um relato e a veracidade dos acontecimentos e a lógica de seu desenvolvimento há muitas nuances. Algumas questões surgem em relação ao *De Bello Gallico*: 1^a) há relatos inexatos ou obscuros, enfim, lacunas de informação? e 2^a) o autor alterou os acontecimentos pelo desejo da apologia pessoal ou por puras intenções políticas?

Em Suetônio lemos: ...*Asínio Polião estima que os Commentarii foram escritos com pouco senso e pouco respeito pela verdade* (Caes. 56, 4). César seria, então, ou mal informado ou pouco sincero e a acusação é mais grave por supostamente não partir de um inimigo político. Polião era um cesariano e esteve ao lado de César desde o Rubicão até a Farsália. Não podemos esperar do relato de César a mesma intenção de “imparcialidade”, jamais atingida, do relato historiográfico de Polião, em sua *História das Guerras Civis*. Não era intenção, nem era da competência de César, escrever um relato historiográfico segundo os padrões da historiografia romana da época.

Podemos, de certo modo, avaliar a qualidade das informações de César observando a natureza das fontes utilizadas na redação dos *Commentarii*: 1) a correspondência do procônsul com o Senado, em diversos momentos das campanhas; 2) sua correspondência com seus lugares-tenentes; 3) notas episódicas, escritas ao longo dos anos, ou ditadas aos seus secretários. A correspondência com o Senado certamente não indicaria outra coisa além de uma visão favorável às ações e planos do procônsul. Os relatos dos lugares-tenentes de César provavelmente continham inexatidões e omissões conscientes, muitas vezes para minimizar um erro ou uma falta, como, e.g., certos exageros nos cálculos do contingente inimigo. Do mesmo modo, anotações de campanha são passíveis de várias espécies de inexatidões e erros involuntários, dada a sua natureza pouco refletida.

É interessante comparar os *Commentarii* com outros relatos da conquista da Gália, a partir de fontes e com intenções distintas. A maior parte dos escritores romanos posteriores pouco faz além de repetir César nas informações sobre as campanhas, à exceção de Suetônio, Plutarco e Apiano, que parecem mais independentes em relação ao texto do *De Bello Gallico*. Há, por exemplo, erros geográficos gritantes no texto de César, curiosamente os mesmos equívocos que surgem em Estrabão (*BG*. I, 1, 5-7 = Strab. IV, 5), assim como há imprecisões nos relatos da fauna e da flora, que denotam que César quis apresentar aos seus leitores romanos um relato de primeira mão sobre as terras nas quais as águias romanas agora pousavam, recorrendo a compilações de geógrafos gregos, talvez por intermédio de seus secretários, dadas as quebras de ritmo do texto e do estilo da narrativa cesariana.

Os *Commentarii* são uma obra de circunstância, um livro “improvisado” e, nele, os fatos relatados são mais ou menos exatos, mais ou menos coloridos pela arte da omissão e da exaltação, da qual César era mestre.

Vejam os um exemplo do *Liber tertius*, XV-XVI:

Uma vez (...) abatidos da maneira que dissemos, cada navio era circundado por dois – ou por vezes três – dos nossos, e nossos soldados abordaram-nos partindo com vigor ao ataque. Quando os bárbaros viram o que se passava, que um grande número de seus barcos estava já tomado e que nada tinham a opor a esta tática, tentaram fugir em busca da salvação. E suas velas já inflavam com o vento, quando subitamente este parou e a tranqüilidade foi tal que eles não podiam mais se mover. Esta circunstância nos foi totalmente oportuna para completar a nossa vitória; pois nós atacamos e tomamos os navios um após o outro, e foram pouquíssimos os que conseguiram ganhar o rio, graças à noite, depois de um combate que durou desde a quarta hora até o pôr-do-sol (XV).

Esta batalha pôs fim à guerra dos vênets e de todos os povos desta margem. Pois, além de todos os seus jovens, assim como todos os seus homens maduros, de todo tipo de dignidade e honra, eles reuniram todos os seus aliados e dependentes; após as perdas desta batalha, os que restaram não tinham onde se refugiar nem como defender suas cidades (oppida). Deste modo, rendiam a César seus corpos e seus bens. Este resolveu castigá-los severamente, para que, no futuro, os bárbaros fossem mais atentos no respeito ao direito dos embaixadores (ius legatorum). Em seguida, ele ordenou a morte de todos os “senadores” e vendeu os demais...” (XVI)

Segundo Dion Cássio (L. XXXIX, 40, 4-3), as coisas se passaram de outro modo, em um relato mais circunstanciado, sem dúvida com base em Tito Lívio. Esse massacre foi considerado, por alguns líderes romanos, como desumano, e Plutarco nos relata que Catão chegou a pedir a entrega do general aos inimigos (*Cato Minor*, 51), mas não tratemos aqui dos eventos narrados, e sim do estilo narrativo. O tom geral da narrativa cesariana, como vemos, é impassível e sem ornamentos, parecendo ser, em muitas passagens, um “relatório técnico”. Se os *Commentarii* não nos auxiliam na compreensão das circunstâncias e dos motivos que deflagram a Guerra das Gálias, que revolveu o mundo celta, também não nos permitem uma boa compreensão dos detalhes das campanhas, assim como não permitem uma boa compreensão de suas expedições na Bretanha e na Germânia.

Há certos aspectos da guerra dos gauleses sobre os quais César é muito discreto. Tal frase de Suetônio (*Caes.* 54.2), tal epigrama de Catulo (*Cat.* 29, 1-4), por exemplo, nos permitem entrever os enormes saques e expoliações realizados pelo procônsul e seus lugares-tenentes. Suetônio, por exemplo, nos diz que, nas Gálias, César pilhou santuários, destruiu *oppida* e aldeias, mais freqüentemente com o fito de obter um butim para seus homens do que para punir os gauleses por alguma “falta”. E Catulo reclama, a propósito de um dos favoritos de César, do fato de *...um Mamurra possuir tudo aquilo que ontem possuía a Gália Cabeluda e a Bretanha, confins do mundo...*

César, porém, não tentou dissimular as brutalidades da conquista. Deste modo, vende toda a população da cidade dos Atuatuques e o relata em uma frase lapidar, acrescentando negligentemente: *Segundo as contas dos compradores, havia 53 mil cabeças (BG, II, 33, 7)*. Quer se tratasse da execução dos nobres vênets e da venda de todo o seu povo, quer se tratasse do saque de Orléans, do massacre dos Usipetes ou dos Tencthères, ou da devastação sistemática dos Ardennes (*BG.* III, 16.4; VIII, 11.9; IV, 15; VI, 43), ele tudo relata com a tranqüilidade de um general que considera tais

ações como o exercício normal do direito de guerra. Graças ao seu estilo, podemos entrever algo do comportamento dos generais romanos e de suas legiões em campanha.

Com esse estilo, que leva o seu leitor/ouvinte a uma grande ilusão de realidade, um estilo pleno da sedução da “verdade”, que certamente satisfazia os romanos ávidos de notícias, e os induzia, assim como os seus leitores modernos, a uma atitude pouco crítica em relação ao texto, a eficácia dos *Commentarii* como libelo político de seu autor é notória.

Feitas essas observações, chegamos ao problema da pertinência de textos como os *Commentarii* para o estudo das sociedades célticas. Há poucos anos atrás, as teses expostas por Hayden White sobre a natureza retórica da história trouxeram à ordem do dia questões cruciais para a escrita da história. Retomemos algumas de suas passagens:

... as narrativas históricas são ficções verbais cujos conteúdos são tanto inventados quanto descobertos e cujas formas têm mais em comum com os seus equivalentes na literatura do que com os seus correspondentes nas ciências (...) os acontecimentos são convertidos em estória [sic] pela supressão ou subordinação de alguns deles e pelo realce de outros, por caracterização, repetição de um motivo, variação do tom e do ponto de vista, estratégias alternativas e assim por diante – em suma, todas as técnicas que normalmente se espera encontrar na urdidura do enredo de um romance ou de uma peça (White 2001: 100).

A narrativa, então, confere, a um mesmo evento ou a uma mesma personalidade, o caráter trágico ou cômico, romântico ou irônico, dependendo da escolha do artífice e de seus critérios na transformação de seu objeto de trabalho em algo inteligível (White 2001: 101).

Desta maneira, a nossa compreensão dos acontecimentos aumenta proporcionalmente à medida que eles se adaptam à estratégia utilizada pelo artífice para dotá-los de um sentido (White 2001: 109). Essas idéias retomaram para a modernidade, de modo radical, uma questão que concerne aos limites entre a história e a ficção, entre o verossímil e o inverossímil. Uma preocupação como essa pode ser ligada à questão da recepção das visões clássicas da história no nosso tempo. Da dura realidade de uma guerra efetiva, pouco temos além dessa obra estilo literário-propagandístico, que levou J. Carcopino a falar de uma *Gália conquistada sem que tenha sido* (Carcopino 1968: 252). Em Plínio, o Velho, vemos uma crítica acurada das ações de César, que fala em um milhão e duzentas mil pessoas massacradas com o único fito de conquistar a Gália, acusando o procônsul de omitir as cifras da hecatombe humana: *eu não posso incluir nos seus títulos de glórias um tão grave ultraje feito por ele ao gênero humano (História Natural, VII, 92)*. O próprio César, como afirmamos, não oculta tais dados:

... o massacre da multidão de inimigos foi tão grande quanto foi a duração do dia. Com o pôr-do-sol, os soldados pararam de persegui-los e se retiraram para o acampamento, de acordo com a ordem dada (BG, II, 11).

A Gália foi dessa forma, mediante a violência e o massacre, integrada ao *imperium* de Roma. Para a compreensão deste esforço bélico realizado na Gália nos anos 58-51 a.C., dispomos quase que exclusivamente da versão cesariana das campanhas das Gálias, veiculada em uma obra sabiamente construída e ponderada por César. Os *Commentarii de Bello Gallico* são, em vários casos e para alguns povos a que se refere, as únicas referências literárias. Sua utilização para a pesquisa historiográfica deve ser feita, contudo, cuidadosamente. Para o historiador, os *Commentarii* são

inescapáveis, mas suas informações devem ser criticadas e controladas por outros documentos textuais e imagéticos.

A conquista da Gália nos aparece, nos *Commentarii*, como um instrumento para a consolidação de um poder político e militar, uma longa *praeparatio* para a Guerra Civil que abalou os fundamentos da República romana. E o estilo da obra, que “criou” a conquista da Gália para a tradição ocidental, foi a base de uma recorrente *interpretatio* de uma espécie de providência na história, que enalteceu o acontecimento como veículo da “romanização” de grande parte do Setentrião, como o fez Mommsen, comparando-o à “helenização” do Oriente levada a cabo por Alexandre. Decerto, a romanização da Gália foi um fenômeno de primeira grandeza, um evento crucial da formação do Império Romano e, conseqüentemente, da Europa Medieval e Moderna, mas a historiografia moderna atribuiu a César uma intenção *weltgeschichtliche*, lidando com a conquista da Gália como um discurso sobre a fatalidade do imperialismo, que não se sustenta em uma análise atenta dos *Commentarii*.

ABREVIACÕES

BG - De Bello Gallico

Brut. - Brutus

Ad Fam. - Epistulae ad Familiares

Caes. - Vida de César

DOCUMENTAÇÃO TEXTUAL

CICERO. Brutus. Orator. Cambridge-Mass; Harvard University Press. Loeb Classical Library, no. 342, 1939.

_____. Epistulae ad Familiares. Vol. 1 (62-47 BC); Vol 2 (47-43 BC).

Cambridge Classical Texts and Commentaries. Cambridge University Press, 2004.

DION CÁSSIO. The Roman History: the Reign of Augustus. London: Penguin Classics, 1987

FORDYCE, C. J. Catullus. Oxford University Press, 1990.

JÚLIO CÉSAR. *Commentarii de Bello Gallico II et III*. Traduit par M. Rambaud. Coll. Erasme, 12. Paris: P.U.F., 1965.

_____. *Commentarii de Bello Gallico IV*. Traduit par M. Rambaud. Coll. Erasme, 12. Paris: P.U.F., 1967.

PLÍNIO. Natural History. A Selection. Penguin Classics, 1991.

PLUTARCO. Six Lives. London: Penguin Classics, 2006

SUETÔNIO. The Twelve Caesars. London: Penguin Classics, 2003.

BIBLIOGRAFIA

BRISSON, J. –P. *Problèmes de la guerre à Rome*. Paris: Mouton & Co, 1969.

CANFORA, L. *César, o ditador democrático*. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

CARCOPINO, J. *Jules César*. Paris: PUF, 1968.

GINZBURG, C. *Mitos, emblemas, sinais. Morfologia e História*. São Paulo: Cia das Letras, 2001.

HAAS, J. (org). *The Anthropology of War*. New York: Cambridge University Press, 1990.

- MOMIGLIANO, A. *Os limites da helenização. A interação cultural das civilizações grega, romana, céltica, judaica e persa*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1991.
- PELLING, G.B.R. "Cesar's battle-descriptions and the defeat of Ariovistus". *Latomus* 40, 1981, pp. 741-766.
- POTTER, D. S. *Literary Texts and the Roman Historian*. New York & London: Routledge, 1999.
- RICOEUR, P. *Du texte à l'action*. Paris: Seuil, 1986.
- VEYNE, P. *O inventário das diferenças*. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- WHITE, H. *Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura*. São Paulo: EDUSP. 2001, pp. 98; 100.
- YAVETZ, Z. *César, les limites du charisme politique*. Paris: Les Belles Lettres, 1990.